

# Observações da Interação Mãe/Bébé na Situação Alimentar e Características Individuais do Desenvolvimento Psicológico

FERNANDO PEGO (\*)  
LEONOR DUARTE (\*\*)  
EDUARDA RODRIGUES (\*\*\*)

Nos últimos 30 anos, os estudos sobre a interação mãe-bébé têm-nos fornecido elementos comportamentais importantes sobre as capacidades do bebé — funções rudimentares do Eu — já presentes ao nascer.

Com este acréscimo de conhecimentos sobre as capacidades do bebé mais fácil se torna observar à partida uma relação diádica, em que como diz Schafer «não é a mãe que põe ordem no caos mas que se acomoda com o seu comportamento de modo a encaixar-se na organização pré-existente do bebé».

Nos primeiros tempos de vida, a situação alimentar constitui o núcleo das trocas entre a mãe e o bebé, e pode ser encarada como paradigma relacional da diade. Ao permitir observar a confluência de diversos planos — cuidados vitais, aspectos emocionais, afectivos e cognitivos — constitui um momento privilegiado para lançar um olhar sobre tudo o que se pode passar entre um bebé e a sua mãe.

Como diz Winnicott — «Ninguém é capaz de amparar um bebé se não se pode identificar com ele». Quando a mãe percebe no choro ou

agitação do bebé que ele tem fome, retira-o do berço, aproxima-o do seu corpo, apoia-o no seu colo e estreita-o num abraço, e ele, o bebé, moldado no corpo da mãe recebe o alimento físico e emocional.

Esta transmissão de afecto entre a mãe e o bebé foi durante muito tempo aceite, mas vista como qualquer coisa de mágico.

Hoje, como diz Kohut, «é um comportamento que pode ser visto e descrito».

Ajuriaguerra e os seus colaboradores, na Europa, outros autores nos Estados Unidos, têm referido ou descrito a importância das posturas maternas no aleitamento do bebé. Fala-se mesmo de diálogo tónico-emocional.

Neste diálogo, as atitudes posturais traduzem-se numa posição dos diversos segmentos do corpo da mãe em função do bebé, definem um espaço que é vivido comum e diferentemente por ambos, são suporte para estilos diversos de interação e possibilitam ao bebé um melhor ou pior conhecimento da mãe — ponto de partida do desenvolvimento psico-afectivo.

Para alguns autores, a natureza social e emocional deste diálogo, as competências do recém-nascido e o estilo particular de cada bebé seriam primordiais e antecipatórias relativamente às aquisições de carácter cognitivo.

(\*) Médico Pedopsiquiatra no Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil de Lisboa.

(\*\*) Psicóloga Clínica.

(\*\*\*) Médica Pedopsiquiatra no Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil de Lisboa.

Outros porém, acentuam a simultânieidade e interdependência dos diferentes planos de abordagem do desenvolvimento do bebé e da relação da diade. Para Ainsworth «vinculação e exploração apoiam-se mutuamente».

Piñol-Duriez refere-se à existência de «construções afectivo-cognitivas» neste período de vida da criança.

As mais primitivas tarefas da linha do desenvolvimento cognitivo — identificar, reconhecer e antecipar — ir-se-ão cumprindo desde que «objectos, pessoas e lugares apareçam para dar satisfação», e «confirmem as antecipações da criança».

Isto é, do nosso ponto de vista, nos primeiros meses de vida do bebé, e se este não sofrer de nenhuma perturbação neuro-psicológica o projecto ir-se-á processando apoiado nas características do *holding* materno.

Foi nossa intenção estudar vários tipos de *holding* baseados na ideia de que estes serão identificados pelos estilos posturais maternos em confluência com outros aspectos da interacção e ligá-los a possíveis perfis de desenvolvimento do bebé, em termos de relação com o mundo exterior.

O nosso trabalho desenvolve-se na Unidade de Primeira Infância do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, dirigido pela Dr<sup>a</sup> Maria José Gonçalves. Aí têm vindo a ser realizadas actividades clínicas de investigação, em cuja linha se insere a metodologia utilizada.

## 1. MATERIAL E MÉTODOS

A nossa amostra é constituída por catorze diades mães-bebés pertencentes a uma população regularmente seguida em dois Centros de Saúde de Lisboa, com características sócio-culturais idênticas.

Os bebés são primeiros filhos, nascidos de parto eutócico, de termo, com Apgar igual ou superior a oito, com peso igual ou superior a dois quilos e quinhentos gramas, sem mal-formações congénitas e sem patologia perinatal.

As mães são primíparas, com mais de dezoito anos de idade, cuja gravidez não foi considerada de risco, fazendo parte da família nuclear completa e sem passado psiquiátrico conhecido.

Os bebés não estiveram afastados das mães por mais de 24 horas, havia a intenção de alimentar o bebé ao peito, e em todos os casos foi a mãe que tratou deles nos 3 primeiros meses de vida. Não foi feita qualquer distinção entre as crianças alimentadas ao peito e crianças alimentadas artificialmente.

Um primeiro contacto com as diades no Centro de Saúde tem lugar durante os primeiros 15 dias de vida do bebé e consiste no registo de observação directa de interacção, numa situação livre na sala de espera. Passa-se então o inquérito com o objectivo de precisar o tipo de investimento maternal na gravidez e no bebé actual.

Um segundo e terceiro contacto é realizado entre a 4<sup>a</sup> e a 5<sup>a</sup> semana e a 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> semana, na residência dos pais e consiste na observação directa e registo de interacção durante os primeiros 10m de situação alimentar.

Entre a 18<sup>a</sup> e a 19<sup>a</sup> semana no Centro de Saúde, é aplicada a escala de desenvolvimento de Nancy Bayley.

A segunda parte do inquérito, procurando analisar a evolução do investimento da mãe no bebé, bem como a organização do seu bem estar, é passada em todas as observações.

## 2. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para o estudo dos elementos recolhidos na observação foram utilizadas duas grelhas que descrevem as categorias comportamentais da mãe e do bebé.

Pela análise dos dados fornecidos pela aplicação das grelhas aos elementos da diade estabeleceram-se três grupos, formados a partir da conjunção e articulação dos factores em estudo. Deles emergiu aquilo que denominamos por clima relacional da diade.

### GRUPO I. CLIMA DE INTIMIDADE E RECONHECIMENTO MÚTUO

Neste grupo, a atitude postural de mãe é flexível ou seja existe uma relação fluente entre as várias partes do seu corpo e o bebé.

O corpo da mãe é envolvente e mesmo quando nele não se traduzia uma acentuada

impressão de aconchego, ele transmite segurança e amparo. Nota-se uma tendência para estabelecer um contacto corporal estreito mas mesmo quando tal não sucede, há sempre proximidade.

Os reajustamentos e as manipulações imprimidas ao corpo do bebé são harmoniosos e proporcionam conforto e bem estar ao bebé.

A par da comunicação postural há uma grande expressividade nestas mães ao utilizarem as diversas modalidades interactivas no diálogo com o bebé. As paragens e as interrupções são vividas como pausas e as mães aproveitam-nas para verbalizar as suas interpretações da situação num sentido de confortar e organizar o bebé ou para o afagar ou tocar.

Neste grupo existe um elevado grau de reciprocidade nas trocas e o acto alimentar constitui uma experiência agradável e reconfortante para a mãe e para o bebé.

Os bebés mostram-se moldados no abraço materno, facilmente apaziguáveis, sem sinais de esforço durante a sucção. Da 1ª para a 2ª interacção nota-se-lhes um maior interesse pelos rostos das mães, chegando mesmo um deles a interromper sistematicamente a mamada para provocar com sorrisos o eclodir da interacção social. No fim das mamadas permanecem calmos e satisfeitos.

## GRUPO II. CLIMA DA FUNCIONALIDADE

Neste grupo, a atitude postural da mãe é rígida ou seja existe uma relação estática entre as diferentes partes do seu corpo e o bebé. O abraço é aberto não fornecendo amparo nem aconchego e a proximidade é evitada. Outras vezes a distância é excessivamente reduzida por abraço apertado e constrangedor. Em ambas as situações partes do corpo do bebé, fundamentais para o seu bem estar se encontram mal apoiadas, não favorecendo a sua moldagem.

As interrupções da mamada quando existem são provocadas pelas mães independentemente dos sinais da criança. As paragens espontâneas do bebé são vividas com irritação. Notam-se mais frequentes atitudes de forçagem da alimentação.

A modalidade interactiva predominante é o

olhar e as mães parecem sobretudo preocupadas com a funcionalidade da situação.

Todavia quando elas introduzem elementos de trocas sociais estes são afectuosos mas pobres e reduzidos.

Os bebés mostram-se predominantemente calmos, mas quando se irritam as mães mostram dificuldades em os acalmar. Têm com mais frequência sinais de esforço evidentes durante a sucção e apresentam sintomas relacionados com a alimentação. São frequentemente passivos e hipotónicos. Não dão sinais de insatisfação após as mamadas. Procuram pouco o contacto com as mães e estas não estimulam ou não correspondem às iniciativas da criança.

Neste grupo existe uma sincronia perturbada por uma imposição das atitudes da mãe sobre o bebé.

O acto alimentar decorre num clima de tensão, marcado pelas vicissitudes ou, noutros casos, pela pobreza de acontecimentos. A tonalidade afectiva está submersa pela funcionalidade da situação.

## GRUPO III. CLIMA DE INSTABILIDADE

A atitude postural da mãe é flexível mas pouco mantida e o abraço pode ser classificado de intermédio. A proximidade e o contacto físico são constantemente interrompidos pelos crescentes reajustamentos e mudanças de posição que a mãe provoca no bebé. Estas manobras que são desencadeadas por iniciativas do bebé, relacionadas com dificuldades na sucção, mostram-se dissonantes e ineficazes relativamente a estas dificuldades. Introduzem por vezes verdadeiros cortes na situação alimentar.

Não existem sinais de desprazer da mãe nas trocas interactivas que são normalmente variadas do ponto de vista das modalidades. As tentativas para acalmar o bebé resultam quase sempre ineficazes.

Os bebés são activos e orientados para a exploração do envolvimento. Oscilam entre um estado de alerta e um estado de irritação ou protesto e são predominantemente hipertónicos.

O acto alimentar resulta numa experiência difícil, em que a criança parece não encontrar

resposta satisfatória às suas dificuldades por falha numa componente organizante da atitude materna.

A irritação e o protesto surgem do lado da criança e a mãe numa tentativa lograda de identificação com o bebé, amplifica a sua excitação.

## DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO

No que respeita à observação do desenvolvimento psicológico dos bebés a análise dos resultados da escala leva-nos a uma primeira distinção entre aqueles que alcançam resultados que permitem estabelecer um QD superior a 100 e aqueles que ficam abaixo deste limite.

No 1º grupo constituído por 8 bebés os QD distribuem-se entre 100 e 125 (grupo A). No 2º grupo a que pertencem 6 crianças os QD distribuem-se entre 90 e 94 (grupo B).

Numa tentativa de discriminar os 2 grupos constatámos diferenças no que respeita o desenvolvimento dos esquemas de coordenação olho-mão.

Assim no grupo A todas as crianças atingiram o grau de coordenação numa fase de aquisição do esquema correspondente à sua idade na escala, enquanto que no grupo B só duas crianças (2/6) apresentam esse grau de desenvolvimento. Uma delas mostrava ainda dificuldades em seguir objectos em movimento lento.

Uma outra diferença, e esta, bastante mais acentuada tinha a ver com a reacção ao espelho.

No grupo B só 2 crianças mostravam qualquer reacção ao espelho. No grupo A 6 crianças mostravam reacção ao espelho e 5 dessas crianças sorriam, evidentemente à sua imagem o que é cotado bastante acima da sua idade real na escala de Bayley.

A leitura das notas tomadas aquando da passagem da escala, tornou notório uma muito mais acentuada reacção destas 5 crianças ao observador, ainda que todas as crianças do grupo A se mostrassem mais interessadas no observador procurando captar-lhe a atenção através do olhar ou do sorriso.

Outros aspectos que distinguiam as crianças do grupo A e B prendem-se com a labilidade

da atenção, com o interesse pelos estímulos, com o prazer na observação ou manipulação dos objectos, com a exploração visual activa do envolvimento.

No grupo B podemos distinguir ainda dois subgrupos a que correspondem de um lado bebés passivos, pouco reactivos ou exclusivamente interessados em estímulos familiares, com pouca capacidades de produzir acontecimentos. Do outro lado, os bebés são intensamente reactivos, activos exploradores de estímulos, mas o seu olhar detêm-se insuficientemente sobre os objectos e a sua atenção só fugazmente se mantém.

## CONCLUSÕES

A amostra do nosso estudo constitui uma população normal da parte da análise dos elementos recolhidos resultam variações que de modo nenhum apontam para índices patológicos e que se aproximam antes das variações do normal.

Numa população de mães com perturbações psicológicas seriam de esperar desvios mais importantes nos resultados da escala de Bayley. Assinala-se, porém, que é nos grupos II e III que se situam as únicas crianças da população que apresentam sintomas: 2 bolsam abundantemente e com muita frequência durante todo o intervalo das mamadas e uma apresenta dificuldades ao nível da regulação da homeostase.

Os grupos formados são paradigmáticos de um certo clima relacional. Porém em algumas diades do grupo A e B coexistiam características que identificámos como pertencendo a cada um dos grupos. Isto é, algumas mães poderiam ser consideradas simultaneamente de rígidas e incoerentes. Algumas outras, incluídas no grupo I apresentavam uma ou outra característica dos outros grupos.

Interessou-nos sobretudo definir um clima relacional porque uma ou duas características por si só não nos pareciam suficientes para identificar uma situação complexa e de confluência múltipla onde se entrecruzam, organizam e reorganizam essas diferentes características.

A comparação entre os grupos formados a partir da interacção na situação alimentar e os grupos formados a partir dos resultados da escala de Bayley, leva-nos a concluir positivamente sobre a ligação entre clima relacional e desenvolvimento psicológico do bebé.

Assim ao clima relacional íntimo — Grupo I — correspondiam as crianças com melhor índice de desenvolvimento.

De facto, neste grupo, os bebés adquiriram esquemas comportamentais mais complexos, demonstraram um maior interesse pelo exterior, um maior prazer no funcionamento e no contacto com os objectos.

Aos grupos em que o clima relacional demonstrava a predominância de dificuldades sobre a *souplness* correspondiam as crianças com menor índice de desenvolvimento.

Nestes grupos os bebés mostravam-se mais lentos na aquisição dos esquemas comportamentais, demonstravam menor interesse pelo exterior, e um menor prazer no funcionamento e no contacto com os objectos. Ao mesmo tempo que influencia o desenvolvimento do aparelho de base organizador das funções do Eu o clima relacional impregna certas características individuais do bebé.

O desenvolvimento como processo dinâmico apoia-se na forma como a mãe oferece e proporciona o seu corpo à criança. Identificar, reconhecer e antecipar parece passar por a mãe atrair o olhar da criança sobre o seu rosto, fixá-lo com o seu olhar, deixar-se tocar e agarrar. O prazer com que a mãe pega ao colo o seu bebé parece fundar nele o sentimento com que se relaciona com os objectos inanimados.

A mãe parece assim constituir o primeiro objecto do conhecimento.

## ANEXOS

### CLIMA DE INTIMIDADE

#### *Mães*

- Postura flexível e envolvente;
- Abraço intermédio;
- Proximidade;
- Reajustamentos harmoniosos;

- Modalidades interactivas variadas (olhar, sorrir, verbalizar, tocar, acariciar).

#### *Bébés*

- Postura moldada;
- Conforto ou acalmia fáceis;
- Sucção fácil;
- Procura da mãe;
- Satisfação.

#### *Situação alimentar*

- Reciprocidade nas trocas;
- Continuidade e interrupções vividas como pausas;
- Experiência agradável e reconfortante.

### CLIMA DE FUNCIONALIDADE

#### *Mães*

- Postura rígida;
- Abraço fechado ou aberto;
- Reajustamentos raros-bruscos;
- Evitamento ou fusão no contacto corporal;
- Modalidades interactivas limitadas.

#### *Bébés*

- Postura não moldada;
- Conforto ou acalmias difíceis;
- Sucção com sinais de esforço;
- Procura raramente a mãe;
- Não há expressão dos afectos.

#### *Situação alimentar*

- Sincronia perturbada por imposição das atitudes da mãe ao bebé;
- Clima emocional tenso.

### CLIMA DE INSTABILIDADE

#### *Mães*

- Postura flexível mas inconstante;
- Abraço intermédio;
- Reajustamento e mudança de posição frequente;
- Manipulações ineficazes;
- Contacto corporal intermitente;
- Modalidades interactivas variadas (olhar, sorrir, verbalizar, acariciar).

#### *Bébés*

- Postura moldada mas não mantida;
- Hipertonia;

- Conforto ou acalmia difíceis;
- Sucção difícil;
- Procura da mãe intermitente;
- Irritabilidade e protesto.

*Situação alimentar*

- Sincronia perturbada devido a uma resposta insatisfatória às dificuldades do bebé;
- Clima emocional tenso;
- Excitação.

CONDIÇÕES NA DIADE

- Não houve separação de mais de 24 horas;
- A mãe fica com o bebé durante os 3 primeiros meses de vida;
- A mãe manifestou a intenção de alimentar o bebé ao seio.

CONDIÇÕES DE OBSERVAÇÃO

*1ª observação*

- No C. S.;
- 15 dias;
- Interação livre;
- Questionário I e II.

*2ª observação*

- No domicílio;
- 5ª semana;

- Interação na situação alimentar;
- Questionário II.

*3ª observação*

- No domicílio;
- 12ª semana;
- Interação na situação alimentar;
- Questionário II.

*4ª observação*

- No C. S.;
- 19ª semana;
- Bayley;
- Questionário II.

AMOSTRA DE 14 DIADES

*Bébés*

- 1ª criança;
- Parto eutócico de termo;
- Apgar superior ou igual a 8;
- Peso superior ou igual a 2,500 Kg;
- Sem malformações congénitas;
- Sem patologia perinatal.

*Mães*

- Primíparas;
- Com mais de 18 anos de idade;
- Gravidez sem risco;
- Família nuclear completa;
- Sem passado psiquiátrico conhecido.

RESULTADOS  
DO BAYLEY

Grupo A  
Q. D. 100-125

- Com grande interesse pelo exterior
- Com grande prazer no funcionamento

CLIMA  
RELACIONAL

—I. Intimidade

Grupo B  
Q. D. 90-94

- Passivos
- Pouco reactivos
- Interessados pelos estímulos familiares
- Fracá capacidade de produzir acontecimentos

—II. Funcionalidade

- Activos exploradores de estímulos
- Atenção fugaz
- Capacidade elevada de produzir os acontecimentos

—III. Instabilidade